

ÚLTIMO QUADRANTE

Seguia o meu amigo estrada fora e na paragem que fez para dar de beber ao carro, aborda-o um miúdo de sacola ao ombro: — O Senhor passa ali?... — Pois passo, moço. — E pode

Visita a Vila Viçosa

De visita a esta Vila, deslocou-se aqui no próximo dia 17 um grupo de 48 pessoas, de que faz parte o sr. Manuel Matias Crespo, ilustre Administrador do «Mensagem».

O almoço será servido no Café Cortiço e constará de pratos regionais.

A todos os excursionistas, em especial ao Senhor Manuel Matias Crespo, «O Calipolense» saúda com simpatia, desejando-lhes boa viagem e feliz visita.

levar-me até lá? — Pois sim. — E aqueles dois? Apontou. — Está bem. Eu levo os teus amigos.

Carro afinado, aí vão eles. — Eu chamo-me Constantino e estes são o Augusto e o Alberto. Não sabiam da história antiga de Augusto ou Constantino. — Ah! Conheço um Constantino que é rei de uma terra...

Tão pequenos e já o esforço do trabalho lhes pesa nos ombros, nas longas caminhadas, casa-trabalho, e se revela na cara ressequida, aos 13 anos — Ah Senhor, obrigados. Ficamos mesmo aqui.

Estes vão ainda no primeiro Quadrante, sem preocupações pelos problemas que este fim de século há-de trazer a mais de 100 à hora. Santa ingenuidade para quem as interrogações do autor do livro Choque do Futuro nem existem nem contam nem podem ter sentido. Apesar (CONTINUA NA PAG. QUATRO)

VILA VIÇOSA DE OUTRAS ERAS (IV)

Fonte do Carrascal / Fonte da Praça

Havemos de falar com mais vagar das fontes da vila.

Hoje lembramos apenas a elegante Fonte da Praça, saudação amiga aos visitantes sequiosos que nela be-

bem e certas vezes nela se refrescam dos pés à cabeça...

A Câmara de Vila Viçosa, desde os fins do séc. XVIII, que andava desejando transferir a antiga Fonte do Carrascal para a Praça da Vila ou Praça Nova, mais tarde Praça da Princesa Amélia e finalmente Praça da República. Em 1806 ou 1807 já o Marquês da Alorna, então general da Província do Alentejo recomendara a mudança, o que só não teve efeito por motivo das imediatas invasões napoleónicas.

Em 1848 o município decide-se a encarar de vez o assunto, consultando desde logo a Casa de Bragança sobre se haveria algum impedimento à obra prevista, uma vez que a saída das águas do Carrascal pertencia à Horta Nova do Reguengo. Perante a indagação, a Casa de Bragança elucidou a sua resposta com descrição pormenorizada de um padrão e de uns marcos que mostravam que a abertura da fonte e o encanamento das águas foram obra que em 1314 mandara executar a duquesa D. Catarina, viúva de D. João I, 6.º duque de Bragança. Alegava então que se a fonte fosse deslocada, a Casa sofreria prejuízo no aproveitamento das águas sobran-tes que corriam para a Horta do Reguengo, porque da Praça para lá não poderiam deslizar por ser o terreno da Horta de nível diferente.

Continuou a questão em debate, tendo os advogados da Casa de Bragança respondido em 11 de Julho

IMPRENSA

Muitas têm sido as manifestações de simpatia pelo aparecimento do nosso jornal, mas sensibilizam-nos particularmente as cativantes atenções dos Órgãos da Imprensa que, de Norte a Sul do País, nos dirigiram cumprimentos e felicitações, que muito agradecemos, expressando também o nosso reconhecimento a todos aqueles colegas que nos saudam simplesmente pela satisfação do nosso desejo de permuta.

Dentre os primeiros, cuja permuta (CONT. DA PAGINA QUATRO)

Festas do Seminário de São José de Vila Viçosa

Os Padres Dr. Joaquim José Carneiro de Melo e Luís Martins Adriano, novos Cónegos da Arquidiocese de Évora

Como anunciámos, realizaram-se durante a semana passada as festas do seminário de São José desta Vila, este ano de homenagem ao seu Rei-

INAUGURAÇÃO DA NOVA ESTAÇÃO DOS C. T. T. DE BENCATEL

No passado dia 25 de Maio, em edifício arrendado para o efeito, os serviços dos C. T. T. em Bencatel passaram a possuir instalações adequadas a bem servir o público e seus funcionários.

A nova Estação, que fica sendo chefiada pela sr. D. Maria Eurídice Calado Dias, deve-se à compreensão dos serviços dos C. T. T. em dotar esta localidade com uma Estação que possuisse todos os requisitos exigidos na vida actual.

Falemos da sua inauguração:

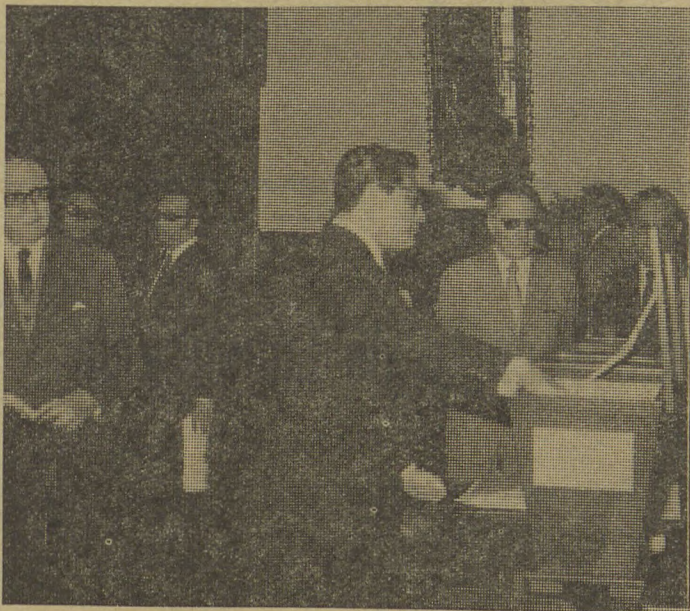
Eram cerca das 17 horas quando o sr. Governador Civil do Distrito se dignou «cortar» a simbólica fitinha, dando assim como inaugurada as instalações em referência. Em seguida no interior do edifício o sr. Arcebispo de Évora, procedeu à bênção, tendo a auxiliá-lo o sr. padre José Luís, em exercício na paróquia da Freguesia de Santa Ana de Bencatel.

Esteve presente um delegado do

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

Testemunho conclusivo de um antigo terrorista sobre as "Zonas Libertadas" no território de Angola

Leia na última pág.



A Imprensa nacional e estrangeira descreveu oportunamente a forma como decorreram no ultramar as eleições para os vogais das Assembleias Legislativas e das Juntas Consultivas, criadas pela nova Lei Orgânica do Ultramar Português. Como as gravuras documentam, nelas participaram grande número de cidadãos, de todas as etnias e classes sociais, apesar da intensa campanha conduzida do exterior pelos líderes dos movimentos terroristas, para incitar os eleitores a absterem-se de participar no acto.



SEGUNDA-FENRA, 4

1.º Programa:

12.45: Abertura e desenhos animados. 13.00: Feminino Singular. 13.15: A Família Partridge. 13.45: Telejornal. 14.00: Vivendo o Futuro. 14.25: Logo à noite. 14.40: Ciclo Preparatório TV. 19.00: TV Educativa. 19.30: Telejornal. 19.45: Momento desportivo. 20.15: O Dia Mundial da Saúde. 20.25: Portugal Além da Europa. 20.55: Os Caminhos de Noé. 21.30: Telejornal. 22.05: O Caso Momillan. 23.40: Telejornal. 23.50: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e «A Família Partridge». 20.55: Vivendo o futuro. 21.10: Desenhos animados. 21.30: Telejornal. 22.00: Museu do cinema. 23.20: Fecho.

TERÇA-FEIRA, 5

1.º Programa:

12.45: Abertura e Abbot e Costello. 13.00: Fronteiras do Amanhã. 13.15: Debbie Reynold. 13.45: Telejornal. 14.00: O Livro à procura do Leitor. 14.15: Logo à noite. 14.40: Ciclo Preparatório TV. 19.00: TV Educativa. 19.30: Telejornal. 19.40: Os 25 Anos da Organização Mundial da Saúde. 19.50: TV Infantil. 20.50: Há só uma Terra. 20.55: Frente a frente. 21.30: Telejornal. 22.00: Noite de Cinema. 00.05: Telejornal. 00.10: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e Debbie Reynold. 20.55: O livro à procura do leitor. 21.15: Desenhos animados. 21.30: Telejornal. 22.00: Expedição. 22.30: Os Protectores. 22.55: Tempo Internacional. 23.15: Concerto. 23.45: Fecho.

QUARTA-FEIRA, 6

1.º Programa:

12.45: Abertura e Desenhos Animados. 13.00: Feminino Singular. 13.15: Gente Miúda. 13.45: Telejornal. 14.00: Portugal no Mundo. 14.15: Logo à Noite. 14.40: Ciclo Preparatório TV. 19.00: TV Educativa. 19.30: Telejornal. 19.45: Vamos Jogar no Totobola. 20.00: Motores em marcha. 20.25: Inquérito. 21.00: Desenhos animados. 21.30: Telejornal. 22.00: Música para olhar. 22.30: A Família Bellamy. 23.50: Telejornal. 23.55: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e Desenhos Animados. 20.45: Portugal no Mundo. 21.00: Gente Miúda. 21.30: Telejornal. 22.00: Paul Temple. 22.45: Sabe o que é o Mosteiro de Arouca. 23.30: Fecho.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje e amanhã: Farmácia Duarte. De segunda-feira a Domingo: Farmácia Torrinha.

FAZEM ANOS

Em 3 de Junho: Joaquina do Rosário da Saúde.
Em 6 de Junho: Maria de Lurdes Perico Rosado.
Em 8 de Junho: Maria de Aires Cuba Martins.
Em 9 de Junho: Fernanda Velez das Neves Oliveira.
Em 10 de Junho: Joel Luís Nepomuceno Bravo. Luís Miguel Feijão Lopes. Adelaide da Conceição Gonçalves Ferrão.

A todos com amizade, «O Calipolense» dá parabéns e deseja muitos anos de vida e de felicidade.

QUINTA-FEIRA, 7

1.º Programa:

12.45: Abertura e Alvin Show. 13.00: Vária. 13.15: Por favor não comam os malmequeres. 13.45: Telejornal. 14.00: Um Dia Com... 14.15: Logo à Noite. 14.40: Ciclo Preparatório TV. 19.00: TV Educativa. 19.30: Telejornal. 19.45: Sangue na Estrada. 20.05: Dimensão. 20.55: Presença do Passado. 21.30: Telejornal. 22.05: Noite de Teatro. 23.50: Telejornal. 23.55: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e Desenhos Animados. 20.45: Um dia com... 21.00: Por favor não comam os malmequeres. 21.30: Telejornal. 22.00: Foi êxito na TV. 22.50: Encontro com o Passado. 23.20: Fecho.

SEXTA-FEIRA, 8

1.º Programa:

12.45: Abertura e Abbot e Costello. 13.00: Feminino Singular. 13.20: «Os Meus Genros e Eu». 13.45: Telejornal. 14.00: Conheça o Portugal Desconhecido. 14.15: Logo à Noite. 14.40: Ciclo Preparatório TV. 19.00: TV Educativa. 19.30: Telejornal. 19.45: TV Palco. 20.15: Cartaz TV. 20.30: Concerto. 20.55: Cinemateca. 21.30: Telejornal. 22.05: Reportagem do exterior. 23.45: Telejornal. 23.50: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e Desenhos Animados. 20.45: Vária. 21.00: Os meus genros e eu. 21.30: Telejornal. 22.00: Canzonissima. 22.45: Encontro com o Mundo. 23.30: Fecho.

SABADO, 9

1.º Programa:

12.45: Abertura e desenhos animados. 13.00: O Caso da Semana. 13.15:

Follyfoot — Série filmada. 13.45: Telejornal. 14.00: Dó, Lá, Si. 14.25: Hoje pode ver. 14.30: TV Educativa. 14.55: O Mundo à nossa volta. 15.50: Daniel Boone. 16.00: Teledesporto. 17.05: Danças e Cantares. 17.40: As flores e o seu mundo. 18.05: Nós as mulheres. 18.30: Auditório musical. 19.30: Telejornal. 19.40: ...E a vida continua... 20.00: Movimento. 21.00: Se bem me lembro. 21.30: Telejornal. 22.05: Omer Pacha (Folhetim). 22.30: Variedades. 23.30: Telejornal. 23.40: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e Desenhos Animados. 20.45: O caso da semana. 21.00: Follyfoot — Série filmada. 21.30: Telejornal. 22.00: Noite de Cinema. 23.25: Fecho.

DOMINGO, 10

1.º Programa:

9.45: Abertura e Cerimónias do Dia de Portugal. 11.15: Lusíadas somos todos nós. 11.50: Concerto Camoneano. 12.15: Nos Bastidores da Aventura. 12.30: Missa de Domingo. 13.10: Dia do Senhor. 13.35: Hoje ainda pode ver. 13.45: Telejornal. 14.00: TV Educativa. 14.25: TV Infantil. 15.15: Tarde de Cinema. 16.45: TV Rural. 17.15: Semi-Breve. 18.05: TV 7. 19.05: Domingo desportivo. 19.30: Telejornal. 19.45: Circo. 20.00: Cerimónias Comemorativas do Dia de Portugal. 21.00: As Solteironas. 21.30: Telejornal. 22.00: Domingo à Noite. 23.45: Domingo desportivo. 00.00: Telejornal. 00.05: Meditação e fecho.

2.º Programa:

20.30: Abertura e «Regresso de Lucy». 21.00: Dó, Lá, Si. 21.30: Telejornal. 22.00: Camões em Constância. 22.35: Antologia. 23.20: Fecho.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE PORTALEGRE

Rua de Olivença, n.º 33 — PORTALEGRE

AVISO

ASSUNTO: Admissão de aspirantes/3.ºs escriturários

Informam-se os interessados que a admissão nos quadros da Sede da Caixa, independentemente da habilitação em concurso documental na Direcção-Geral da Previdência está única e exclusivamente sujeita a classificação em provas (testes psicotécnicos) e outras a prestar na Caixa.

A classificação final será afixada e a admissão dos candidatos far-se-á de acordo com esta.

A DIRECÇÃO

Agente Técnico de Engenharia

ADMITE-SE

Resposta a: João Trindade Pirra, Lda. — ESTREMOZ

Vila Viçosa de outras eras

(CONTINUADO DA PAGINA JM)

se faziam na Horta não ser necessário o aproveitamento daquelas águas, um dia poderiam ser indispensáveis em outras culturas ou até no caso de aqueles terrenos serem aplicados a jardins, para o que, aliás, a Horta fora destinada. Em 1849 uma pessoa real que ali estivera disse mesmo ser a Horta um belo sítio para fazer jardim «ou outras coisas».

Segundo nos informa finalmente o historiador Rocha Espanca «no dito Carrascal ficou um Poste fontenário perene, correndo para o antigo bebedouro das bestas, que é o mais pequeno dos três bebedouros que se contam na vila; mas dá de

beber simultaneamente a dez cavalos por ser acessível em dois lados. Esta divisão da Fonte do Carrascal em duas, lá e na praça, foi efectuada no ano de 1886. Os seus mancebois são no sítio do Carvalho e Portela, donde a água vem por canos e arcos». E logo diz, noutro passo, que esta água é a mais leve de todas as da vila.

Como se sabe, a Fonte da Praça foi há poucos anos deslocada do lugar que tomara em 1886 para a actual posição, arranjo que muito enobrecceu a Praça e valorizou o singelo mas elegante monumento. Pena é que, posteriormente, as placas de sinalização colocadas à sua volta tenham maculado o conjunto e a perspectiva.

Casa Pia de Évora

RUA DE AVIZ, 117 — TELEFONE N.º 22651

PRETENDE ADMITIR CRIADAS INTERNAS DE 1.ª E 2.ª CLASSE

LOCAL DE TRABALHO:

- Secção Maria Amália Bandeira Anselmo Dias
- S. Bento de Castris — Évora

EXIGE-SE:

- Escolaridade obrigatória (4.ª classe)
- Idade superior a 18 e inferior a 35 anos

OFERECE-SE:

- Estabilidade
- Salário Mensal: — 1.ª classe — 1 400\$00
— 2.ª classe — 1 250\$00
- Regalias sociais conferidas aos funcionários públicos
- Férias anuais
- Alimentação
- Alojamento
- Folga Semanal

Resposta escrita até ao dia 12/6/73

Admitem-se

DESENHADORES

TORNEIROS

PREPARADORES DE TRABALHO
(Fundição e mecânica)

CONTROLADORES

APONTADORES

Resposta a: João Trindade Pirra, Lda. — ESTREMOZ

Do nosso correspondente Joaquim Correia

MANCEBOS DAS INSPECÇÕES MILITARES

De harmonia com os princípios deste Semanário, que deseja participação além de VILA VIÇOSA, todo o seu concelho e limitrofes, assim, fiéis à nossa palavra, vimos mais uma vez marcar a nossa presença, desta vez e contra a nossa vontade, apontando deficiências de que desejariamos não vir fazer eco jornalístico, mas as circunstâncias a isso nos obrigam. Somos dos que não nos limitamos a apontar só o que está feito ou se fez, esquecendo ou colocando de lado o que se encontra por realizar. Creemos servir a causa comum, tanto apontando virtudes como defeitos — e assim com mágoa nos temos de fazer eco do que desejariamos já estivesse realizado.

O MURO QUE CIRCUNDA A ESCOLA MASCULINA ESTÁ HÁ MUITO CARECIDO DA DEVIDA REPARAÇÃO

Segundo sabemos, já há muito, alguém responsável tomou conhecimento do facto, o certo é que passaram largos meses sem que se tivesse despendido dessa responsabilidade.

Lamentamos o facto, pois tempo já tem de sobejo, muito que — já há largos meses houve providências nesse sentido — mas o Muro ainda não foi reparado. De quem é a culpa?

Desejamos que dentro de BREVES DIAS, o muro seja devidamente reparado e desapareça de vez o aspecto de abandono que o mesmo agora apresenta.

Apelamos para o bom senso e responsabilidade de quem de direito para que tome imediatamente as providências que o assunto requiere.

Esta freguesia, que fica apenas a 5 Km da Sede do Concelho — VILA VIÇOSA, acaba de ver inspeccionados 24 mancebos, pois que um companheiro já se encontra falecido há alguns anos. Nem todos se encontraram na sua festa de confraternização como é velho hábito, pois assim procederam as veias gerações, começando por aqui um princípio de amizades que não se cimentam-se pela vida fora, tanto nos maus como bons caminhos que a Vida lhes há-de proporcionar e então é vê-los em são convívio durante 3 ou 4 dias, dançando e cantando ao som do harmónio pelas ruas da sua freguesia, dando uma nota de juventude, alegria e convívio de modo que a sua juventude é admirada e sabe-se até invejada por aqueles que, já distantes na idade, já foram jovens como eles, e também calcurrearam no mesmo sentido de alegria e despreocupação da companhia dos amigos aquelas mesmas ruas e recantos da sua ALDEIA.

Dos 24 não puderam estar todos presentes, pois alguns se encontraram ausentes com seus familiares em Terras da nossa África, como ANGOLA, MOÇAMBIQUE ou GUINÉ.

Sabemos que um mancebo acaba de chegar dias antes da França, para em comunhão de amizade acompanhar os seus companheiros.

Visitar a «CASA» dos rapazes das «Sortes», é estar com eles presente em alegre convívio e fraterna amizade. É hábito contratarem uma cozinheira para nesses dias, confeccionarem o tradicional «Ensopado» que

consta de abundante carne de borrego guisado no forno regado com bom vinho da freguesia não faltando uma variedade de doces e bolos.

E é dançar ao som do harmónio com as suas futuras noivas que esperam o feliz regresso do dever cumprido da VIDA MILITAR para constituírem o ninho com que já sonham.

Há os que já se anteciparam, e então já vimos alguns casados que nem por isso deixam de sentir a mesma alegria e vontade de se divertir, pois o casamento não impede essa vivacidade e alegria que lhes brota do coração.

Juventude a que já nos distanciamos... E assim todos os anos há rapazes das Sortes, significado que sempre acompanhamos com dedicado carinho e respeito, aguardando a vez dos nossos filhos...

DESPORTOS FUTEBOL

Deslocaram-se no passado domingo dia 27, a Vila Real de Santo António os juniores do «Calipolense» para defrontarem o Lusitano, em jogo a contar para o Campeonato Nacional de Júniores.

O resultado foi favorável aos locais por 1-0 e a nossa equipa alinhou do seguinte modo:

Castro; Barradas, Canhão, Eduardo e Campino; Belmiro, Trindade e Gomes; Rosado (Coelho), Elias e Geraldo.

Segundo o que nos contaram o resultado mais justo seria o empate, pois os nossos brósos rapazes que até falharam uma grande penalidade, em nada foram inferiores aos seus adversários.

ATLETISMO UMA ALUNA DA SECÇÃO LICEAL DE VILA VIÇOSA SUB-CAMPEÃ DE ATLETISMO

Nos passados dias 26 e 27 de Maio, disputaram-se no Estádio Nacional, os Campeonatos Nacionais Escolares, na categoria de Juvenis.

A aluna do 1.º ano da Secção Liceal de Vila Viçosa, Filomena de Jesus Alpalhão Palma, saltando 1,30m em altura, conseguiu um brilhante 2.º lugar, tendo somente sido superada pela atleta da Associação Académica de Coimbra, Eduarda Pires.

O facto é tanto mais de enaltecer, quanto é certo que a representante Calipolense foi a primeira vez que se viu envolvida em competições. Portanto, muito há a esperar dela e está de parabéns a nossa Secção Liceal, pois conseguiu fazer-se notar, logo no seu primeiro ano de existência.

Zé Bílro

GRUPO DESPORTIVO DOS FUNCIONÁRIOS DO GRÊMIO DOS INDUSTRIAIS DE PANIFICAÇÃO DE LISBOA

De visita a esta vila, onde se demorou no Palácio Ducal, estiveram no passado dia 26 nesta Vila os sócios do C. A. T. do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, acompanhados de familiares e amigos.

Susana de Muro (artista argentina) expõe na Galeria do Casino Estoril

Tem estado patente ao público na galeria de arte do Casino Estoril, uma exposição de quadros da pintora argentina Susana de Muro.

Trata-se, em boa verdade, de uma excelente mostra, reunindo obras válidas de uma artista cujos dotes de há muito estão consagrados em todo o Mundo.

Susana de Muro, que estudou desenho com o retratista Vicente Puig, é uma auto-didata em matéria de pintura. O seu gosto e tendência mereceram-lhe, porém, uma bolsa de estudos do Governo da Índia, para estudar ali a técnica da pintura mural de Adjanta e Ellora. Após cinco anos de permanência no Oriente, Muro veio para Paris e dali irradiou a sua arte para a Europa e Américas, em dezenas de exposições individuais. O secreto misticismo que imprime às suas obras, todas elas caracterizadas por traços barrocos quase cubistas, ressalta nos vinte óleos e trinta e cinco desenhos reunidos no Casino Estoril, onde ficaram expostos durante nove dias.

A inauguração do certame foi assinalada com uma cerimónia invulgarmente concorrida, a que presidiu o embaixador da Argentina em Lisboa, Francisco R. Bello, que percorreu a exposição acompanhado pela artista e pelo sr. dr. Manuel Teles, presidente do conselho de administração da Estoril-Sol. Entre os convidados, em que avultam nu-

merosas senhoras, viam-se o ex-rei Humberto de Itália e o embaixador da Argentina na Jugoslávia, que presentemente está de visita a Lisboa.

O Embaixador do Uruguai no nosso País

O HOMEM E O TRABALHO — Informação sobre carreiras profissionais

Desde 25 de Maio e até ontem, esteve patente na Sala de Actos do Liceu Nacional de Évora uma interessante exposição sobre carreiras profissionais, organizada pelo Serviço Nacional de Emprego.

A exposição, que esteve aberta ao público, foi inaugurada pelo sr. Governador Civil de Évora na passada sexta-feira, dia 25, e à inauguração compareceram as principais entidades da cidade de Évora, que ouviram com muito interesse todas as explicações que na oportunidade foram dadas pelos conselheiros do Serviço Nacional de Emprego, acompanhadas da oferta de muita e interessante documentação sobre carreiras escolares e profissionais.

Foi principal objectivo desta exposição a preocupação do futuro profissional e escolha das carreiras adequadas às aptidões e preferências dos jovens, tendo em vista as múltiplas vantagens da escolha acertada duma profissão e as situações difíceis, como insucesso e desinteresse pelo trabalho, quando tal não acontece.

NO SEU INTERESSE
E NO DA SUA BIBLIOTECA
LEIA LIVROS DA

LIVRARIA ESCOLAR
de VILA VIÇOSA

Tibério Ramos

VILA VIÇOSA

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES — PRODUTOS QUÍMICOS
— MÁQUINAS DE ESCRIVER — CALCULADORAS E SOMADORAS — SEGUROS — PAPELARIA — ARTIGOS DE ESCRITÓRIO
— JORNAIS — LOTARIAS

Tapetes de Arraiolos

“Sempre Noiva”

Fabrico da SOFAL

SOCIEDADE FABRIL ALENTEJANA, LDA.

ARRAIOLAS

Fábrica:
Lugar das Ilhas - Tel. 4 21 36
Sala de Exposições:
Praça Lima de Brito

VILA VIÇOSA

Salão de Exposição:
Largo Mariano Presado, 25
Telefone: 256

A Comercial do Alentejo, Lda.

VILA VIÇOSA - Tel. 17 - Apartado 7

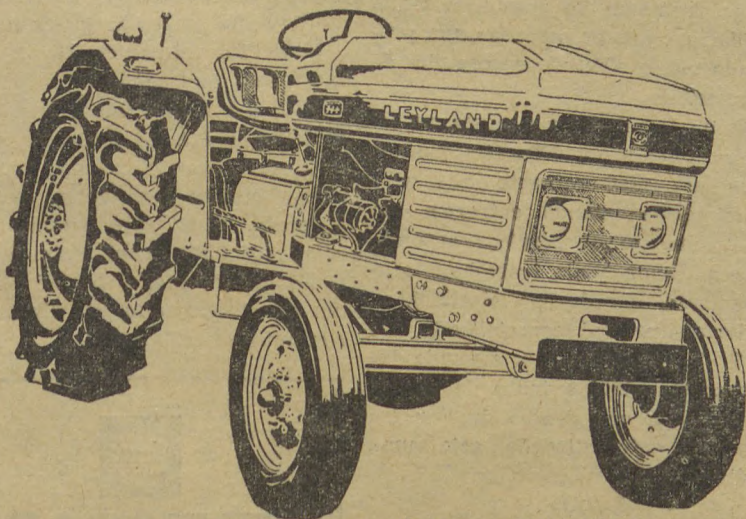
Aubos — Farinhas para gados — Gás-Mobil
Pneus MABOR — Tintas Robbialac — Tabacos
Papellaria — Livraria — Artigos Fotográficos
Gasolina — Óleos — Acessórios para Indústria
Seguros

TRACTORES LEYLAND

VENDAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM OFICINAS E AO DOMICÍLIO

Completo stock de peças e acessórios



Agente nos distritos de EVORA e SETÚBAL:
SATURNINO JOSÉ COELHO, LDA.

Cruzamento de Pegões — Tels. 5 61 39 e 5 61 41

FILIAL EM EVORA: Rua dos Penedos, 13-C — Tel. 2 40 00

Estação de Serviço CASTROL

"Coeducação"

(CONTINUADO DA ÚLT. PAG.)
às raparigas viverem em sociedade, de forma a que adquiram uma maturidade mental que lhes dê autonomia suficiente, para enfrentarem os problemas da vida. Este sistema educativo, quando bem aplicado, possui mais vantagens em ordem à formação da autêntica personalidade do indivíduo, do que a separação dos sexos, pois permite aos rapazes e às raparigas alcançar uma harmoniosa realização integral como pessoas humanas.

É conveniente frisar, que há grande diferença entre a escola mista e a escola coeducativa. Na escola mista, que existe em função de uma razão geralmente económica e não de ordem psico-pedagógica, como se pretende na escola coeducativa, pratica-se aquilo a que se poderá chamar «co-instrução». Ora juntar raparigas e rapazes dentro das mesmas aulas e dar-lhes uma instrução idêntica, não é verdadeira coeduca-

ção. Sem deixar de respeitar as particularidades físicas, mentais e características de cada indivíduo, uma coeducação digna desse nome, terá de responder às necessidades gerais dos sexos.

Na escola coeducativa a vida em comum tem de ser objecto de especial atenção da parte do educador, que terá de possuir uma formação especial em função deste tipo de ensino. Há métodos a modificar, programas e mentalidades a reformar.

A maior parte dos professores irão encontrar dificuldades que terão de procurar ultrapassar, se quiserem desempenhar razoavelmente a sua missão. Recebemos uma educação diferente da que teremos de ministrar. Habitámo-nos a uma segregação exagerada dos sexos, opondo frequentemente uns contra os outros, através de uma emulação desvantajosa.

Teremos de ponderar para evitar improvisações. É necessário que a escola seja eminentemente comunicativa e esteja em contacto com as realidades do mundo actual, para se assegurar uma melhor compreensão e aceitação entre os rapazes e as raparigas, e se criar um melhor equilíbrio afectivo e social para os dois.

Estou certo que tem vantagens e desvantagens a prática deste regime de escolaridade, mas também estou convicto de que as vantagens ultrapassarão os pequenos inconvenientes que ele nos pode apresentar.

Montijo, 19-5-73.

J. Primo Jaleco

IMPRENSA

(Continuado da pag. 1)

é também motivo do nosso reconhecimento, conhecemos, devotando-lhes especiais homenagens:

«A Defesa», de Évora; «Brados do Alentejo», de Estremoz; «Comércio de Portimão», de Portimão; «Diário do Sul», de Évora; «Jornal da Trofa», de Trofa; «Linhas de Elvas», de Elvas; «Mar Alto», de Figueira da Foz; «Notícias de Évora», de Évora; «O Almeirino», de Almeirim; «O Almonda», de Torres Novas; «O Jornal da Lixa», de Lixa; «Povo Algarvio», de Tavira; e «Região de Leiria», de Leiria.

Dos segundos, assinalamos com gratidão:

«A Rabeca», de Portalegre; «A Voz do Domingo», de Leiria; «A Voz do Minho», de Barcelos; «Além-Douro», de Mirandela; «Beira Vouga», de Albergaria-a-Velha; «Correio do Ribatejo», de Santarém; «Correio do Sul», de Faro; «Eco de Estremoz», de Estremoz; «Ecos de Belém», de Santa Maria de Belém; «Jornal de Viana do Alentejo», de Viana do Alentejo; «Jornal do Comércio», de Lisboa; «Jornal do Oeste», de Rio Maior; «Jornal do Sul», de Beja; «O Comércio de Guimarães», de Guimarães; «O Distrito de Portalegre», de Portalegre; «O Distrito de Setúbal», de Setúbal; «O Momento», de Lisboa; «O Sorraia», de Coruche; «Renovação», de Vila do Conde; «Revista «Gabriel», de Lisboa; «Revista Portuguesa de Panificação», de Lisboa; e «Voz do Sado», de Alcácer do Sal.

Leia "O Calipolense"

Festas do Seminário de São José

(CONTINUADO DA PAGINA UM)
que constitui verdadeiro acto de justiça.

Por isso, nossos parabéns sentidos, para o Rev. Luís Martins Adriano, pelo homem, pelo padre e pela data, mas igualmente também para o corpo docente do seu Seminário e para os seus alunos, que no momento oportuno souberam ser justos na homenagem que aquele deviam; deviam porque ele a merecia, e por isso a teve.

Não nos surpreendeu, pois, o reconhecimento do Prelado, quando aos microfones do sumptuoso claustro das Chagas, — no Domingo arranjado e iluminado com um gosto de luz e de plástica que raras vezes conseguimos contemplar, — anunciou a promoção do Padre Luís Martins Adriano, a Cónego. Verdadeiro acto de justiça, repetimos, que encheu o coração das pessoas, das quais, na pluralidade representadas pelas dezenas presentes, naturalmente irrompeu um espontâneo bater de palmas, a tributar ao homenageado e ao homenageante, a um e a outro, o reconhecimento e a confirmação.

E no silêncio modesto do seu porte, no mesmo ambiente de grandeza que lhe não era votado, o Padre Joaquim José Carneiro de Melo ouviu, ao mesmo tempo, a proclamação de igual subida na hierarquia da Igreja, que já tanto prestigiou, durante os inesquecíveis anos que passou nesta Vila, parodiando a freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

Parabéns ao Bispo, porque foi oportuno e justo, parabéns aos no-

vos Cónegos, porque lhe foi premiado o mérito, e parabéns ao corpo docente e aos alunos do seminário, porque souberam homenagear o seu reitor, glória a Vila Viçosa e ao seu povo, por continuar a saber merecer a honra de ser cenário de acontecimentos oportunos e felizes.

"Saturação"

(CONTINUADO DA ÚLT. PAG.)

as eternidades que esperamos, de auscultador levantado, por uma voz da central; já basta que seja melhor ir a Borba, mesmo de bicicleta, que telefonar para lá; já basta que as chamadas de, e para, Lisboa, constituam um prémio de lotaria. Tudo isto e muito mais vamos aguentando estoicamente, porque também não somos perfeitos e nos falamos de reformas de linhas ou de desenvolvimento explosivo do serviço. Tudo junto obriga a remodelações profundas e estas não se fazem de um dia para o outro. Pois sim senhor, tudo compreendemos. Vemos há meses, as obras de instalação da rede automática com o seu cortejo de ruas esburacadas e de lama que nos invade as casas. Bendita lama. Assim, com ela, se resolvam os problemas. O pior é se, depois de saturados por tantas privações, quando discarmos finalmente os números das comunicações automáticas, constatarmos que as linhas também estão... saturadas.

Nota: Esta crónica não envolve, nem pretende responsabilizar, qualquer funcionário individualmente. Aliás, mantemos com muitos, se não todos, as melhores relações. Visa-se sim, chamar a atenção para uma situação de facto que, sabemos-lo por experiência, nem é exclusiva de Vila Viçosa.

J. M.

"Zonas libertadas"

(CONTINUADO DA ÚLT. PAG.)

«Eles não têm qualquer zona libertada, pois andam sempre dum lado para o outro, à procura de esconderijos, para escapar à vigilância. As várias «secções» nem sequer têm onde cair mortas...»

E, a terminar, António Barbosa ocupou-se do pretensito acordo estabelecido entre os grupos terroristas M.P.L.A. e U.P.A., com vista à articulação das acções de guerrilha:

«Isso foi outra mentira... Uma farsa para os Congos.

O M.P.L.A. continua a não suportar a U.P.A., e o mesmo sucede com este grupo em relação ao outro. Houve muitos assassinios, de parte a parte, para que possa existir cooperação. Eu penso assim e o que vi só me dá razão. Não é possível um acordo entre os dois rivais. Eles continuam a odiar-se.»



**BUTAGAZ
PROPAGAZ**

TIBÉRIO RAMOS

Telefone 188 — VILA VIÇOSA

Ultimo Quadrante

(CONTINUADO DA PAGINA UM)
de estarem plantados nesse — para uns feio, e para outros risinho, futuro. Estes são exemplo vivo para muitos que aí vagueiam cuja sorte, injusta, tanto bafejou.

★

Namorava-a há muito tempo e quando lhe mandaram, lá foi ele através dos mares até Luan-da. Deixou-lhe muitas das coisas que preparara já para o «ninho» e lá fora, mesmo quando a atenção de vigilância lhe era exigida e nervoso mantinha o dedo no gatilho da sua espingarda, mesmo aí se recordava da sua Cláudia.

Findou seu tempo e quando os dias se aproximavam para solenemente testemunhar à Cláudia, e ao mundo, o amor que a ela tinha, avisado, viu o que ela lhe não tinha — porque a outro o dera. — E andei eu tantos anos a crer na Cláudia, dizia o nosso honrado homem! — Mas isto não fica assim.

É de levandades como as da Cláudia que muitos dramas nascem e que teriam sido evitados se houvera pais tutelares a «dar-lhes cum pau».

★

Era uma maçã vermelha. Pesadona, quase «no fim do tempo». Não havia «calmeiro» mas «calhou a sentir-se» em fogo quanto à pergunta: é casada, solteira ou viúva? — teve de responder: «solteira»!

PEDRO AFONSO

Emprego

Escreve-nos um jovem de 18 anos, que diz frequentar o 4.º ano do curso geral de comércio, e haver já bastante tempo que procura um emprego compatível com as suas habilitações, tendo sido em vão, até agora, todas as suas buscas, o que admite, pois nunca esteve empregado, mas pensa que tal não é motivo para não ter o direito de ganhar a vida e ajudar a família, ao mesmo tempo que poderá adquirir alguma independência.

Se algum dos nossos leitores estiver interessado em resolver a situação deste rapaz, agradecemos-lhe se dirija à nossa redacção.

Inauguração da nova estação dos C.T.T. de Bencatel

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

Correio-Mór, além de muitas individualidades civis e militares, incluindo as da Câmara Municipal de Vila Viçosa, da Junta de Freguesia e muito Povo, que aqui se deslocou propositadamente pois a essa hora devia ainda encontrar-se no seu trabalho diário.

Não pretendendo melindrar ninguém com a omissão ou desconhecimento de nomes limitar-me-ei a indicar as mais conhecidas que me ocorrem à memória de momento.

O certo é que Bencatel se sente orgulhosa de ter recebido tão dignas autoridades, que se quiseram associar à inauguração de mais um melhoramento a juntar a outros que em breve se hão-de seguir como, por exemplo, a sede da Casa do Povo e o Bairro das Caixas de Previdência a que em princípio alvitramos se chamasse de «Bairro Marcello Caetano».

Além das autoridades já referidas notámos a presença dos srs. capitão Araújo, comandante da P. S. P. de Évora, Comandante da 3.ª Secção de Estremoz da G. N. R., Inspector da D. G. S., de Évora, secretário do Governo Civil de Évora, comandante da P. S. P. de Vila Viçosa, Simões Dias, dos C. T. T. Évora, Helder Evaristo, da Estação dos C. T. T. em Vila Viçosa, vereadores da Câmara de Vila Viçosa, A. N. P. concelha, reitor do Seminário de Vila Viçosa, Padre José e o secretário do sr. Arcebispo, etc., etc. e ainda o sr. João Iglésias em serviço de redacção do Jornal «A Defesa» e «Diário do Sul», etc. e os srs. eng. Leopoldo e José Manuel Portas. As instalações foram pequenas para conter tão numeroso público que desejou ouvir as palavras dos dis-

tintos oradores que, por não disporem de amplificação sonora não se fizeram ouvir no exterior do edifício.

O primeiro orador, após a benção do edifício pelo sr. Arcebispo, foi o sr. Delegado do Correio-Mór, que traçou uma resenha da Vida dos C. T. T. e das metamorfoses por que passou Bencatel, dizendo que em 1937 foram criados os serviços e passou a Posto dos C. T. T. em 1940; em 1960, passou a Estação que agora tem o novo Edifício.

Em 2.º lugar falou o sr. Presidente da Junta de Freguesia que em determinado passo disse:

— Bencatel vai usufruindo de benéficos que há muito aguardava: hoje a inauguração da nova Estação dos C. T. T., amanhã, mercê de uma renovação conduzida por Marcelo Caetano, é a vez da inauguração da sede da Casa do Povo e de um bairro de Casas Económicas, sem dúvida aspirações que se tornam realidade.

Em 3.º lugar falou o sr. presidente da Câmara de Vila Viçosa que no seu improviso disse: O povo humilde e trabalhador de Bencatel tudo merece. Por isso tudo vai tendo. Terminou por desejar prosperidades e agradeceu a presença das dignas autoridades presentes nesta inauguração.

Em 4.º lugar e por último falou o sr. Governador Civil de Évora que disse da sua satisfação em estar presente neste acto, que coincide com a sua primeira visita ao concelho, sentindo-se satisfeito por tudo o que lhe foi dado observar, tendo ouvido com todo o prazer as palavras sinceras que lhes foram dirigidas e adiantou: Bencatel pode estar certo de que lhe está presente. Tudo decorreu na maior cordialidade e ci-

vismo, sendo visitadas todas as instalações pelos presentes que incluía muito povo, ouvindo-se dizer por todos os lados que o imóvel, pertença do sr. Numa Pompílio, de Vila Viçosa e arrendado aos C. T. T., possui todas as condições indispensáveis.

Finda a visita às instalações, todos os presentes se retiraram tendo ouvido muitas palmas de agradecimento pela atenção dispensada a Bencatel.

Em redor do edifício e na rua e largo fronteiriço, as donas de casa em sua espontaneidade fizeram transportar para o longo das suas residências os seus vasos de flores dando um ar de festa ao ambiente. O edifício também estava decorado com muitos vasos de flores, além de devidamente calado conforme as mulheres bencatelenses sabem e muito se orgulham de possuir o título de Terra e gentes asseadas, um predícatos que o Alentejo se orgulha de merecer.

Assim terminamos a nossa reportagem felizes por Bencatel possuir mais um melhoramento que virá completar-se quando entrarem em funcionamento os serviços automáticos para os quais trabalham afanosamente, guarda-fios, electricistas e demais pessoal especializado dos C. T. T., esperando-se, segundo informações colhidas junto de pessoa responsável, que dentro do ano em curso a automatização seja uma realidade.

oOo

Começaram os serviços de terraplanagem das ruas do Bairro das Casas da Caixa de Previdência, pelo que se espera a sua inauguração conjuntamente com a sede da Casa do Povo de Bencatel dentro em breve.

As histórias da história

(CONTINUADO DA ULT. PAG.) nisava, apagando-se, lentamente, como a chama duma candeia exausta. Sob o impacto emocional desse acontecimento, uma atmosfera de consternação e de desalento parecia envolver o Palácio da Granja — traslado tectónico de Versailles (3) que o saudosismo de Filipe V, antigo Duque de Anjou (4), fizera surgir na vertente Norte da Serra de Guadarrama — e toda a Espanha, generosa e cavalheiresca lamentava a sorte desse rei ceifado pela morte aos 49 anos, perscrutando ansiosamente o futuro, na antevisão das terríveis calamidades que o ódio entre «carlistas e «cristinos» iria fazer desabar sobre ela. Todavia, paradoxalmente, não obstante o dramatismo da situação, à volta do leito luxuoso, onde o infeliz monarca estava prestes a empreender a grande viagem para a Eternidade, pode dizer-se que não havia lágrimas, nem orações, nem, tão pouco, rostos petrificados pela dor, mas apenas uma luta sem quartel, travada entre dois adversários irredutíveis que, à custa de versutos expedientes dialécticos, se esforçavam por assegurar a materialização dos seus desígnios interesseiros: num dos campos, o Ministro de Gracia y Justicia Francisco Tadeo Calomarde, o conde de Alcudia e o bispo de León, patronos dos *Apostólicos* e fanáticos propugnadores do Absolutismo que se batiam pela abolição da *Pragmática Sanción* de 29 de Março de 1830 que, derogando a lei sálica, promulgada por Filipe V, atribuiu a Coroa à princesa D. Isabel, em detrimento do príncipe D. Carlos, irmão do rei, e no outro a rainha D. Maria Cristina que, mais por imperativos de amor maternal e de preponderância hierárquica do que por convicta adesão à causa liberal, se opunha à manobra dos *Apostólicos*, vindo na mesma uma tentativa maquiavélica para lesar os direitos da filha, e dela própria, que não deixaria de ficar numa situação de subalternidade humilhante se o cunhado subisse ao Trono. Dado o talento especial que as mulheres sempre evidenciaram para estas guerras de bastidores, poderia supor-se que a causa «carlista» estava de antemão condenada a rotundo fracasso, mas o certo é que, contra toda a expectativa, a rainha, a despeito do substrato sentimental em que a sua argumentação se apoiava, foi demasiadamente tímida e inábil para rebater as razões de Estado e a casuística solerte dos adversários, o que a levou a solicitar, urgentemente, o auxílio da irmã, a infanta D. Carlota, que gosava a fama, e pelos vistos, também, o proveito, de ser uma senhora enérgica, resoluta e dotada duma coragem indómita, capaz, portanto, de decidir a seu favor o pleito em que estava interessada. Infelizmente, esta egrégia senhora que, apesar da sua condição aristocrática, devia ser uma digna émula da nossa Padeira de Aljubarrota, residia em Puerto de Santa Maria e percorrer as centenas de quilómetros que separavam esta cidadezinha atlântica, sobranceira à embocadura do Guadalete, do

burgo de San Ildefonso, onde se situava o palácio real, representava, em 1833, um empreendimento árduo, cansativo e, sobretudo, bastante moroso, razão porque era reduzida a probabilidade do auxílio solicitado por D. Maria Cristina chegar a tempo de frustrar a consumação da trama urdida por Calomarde e pelos seus acólitos. A infanta não era porém mulher que se deixasse intimidar pelas dificuldades e fazendo, por assim dizer, a longa caminhada a mata-cavalos, conseguiu chegar ao termo da viagem antes do monarca exalar o último suspiro, mas depois de ter sancionado um codicilo — decreto em que se revogava a *Pragmática Sanción* e, concomitantemente, as disposições testamentárias relativas à regência e à sucessão da Coroa. Como não podia deixar de ser esta espantosa revelação desencandeou no ânimo belicoso da infanta uma tremenda tempestade de cólera e por certo o pobre autor destas linhas não teria a mínima probabilidade de dar uma ideia, mesmo pálida, do cataclismo cósmico que estrondeou nas salas sumptuosas da Granja se não contasse com a ajuda providencial do escritor Perez Galdós que, na sua conhecida obra *«Los Apostólicos»* (5), fornece, acerca do acontecimento, um relato tão vivo como fiel.

«D. Carlota entrou no Palácio — escreve o consagrado autor dos *Episódios Nacionales* — com grande alarido, tratando todo o mundo, gentishomens e damas, com modos bruscos. Apresentou-se a sua irmã e, depois de a abraçar, chamou-lhe tola umas vinte vezes. A testemunha presencial destas cenas, que já não eram de tragédia, nem de drama, mas de opereta, conta que, em virtude de Cristina e Carlota falarem em italiano, não se tornava possível aos ouvintes perceber bem o que diziam, compreendendo apenas algumas palavras isoladas como *sciôca, pazza, regina de galleria, sceleratezza*... Depois a infanta descansou um momento e a uma hora avançada da manhã anunciou que receberia os ministros e demais personalidades que pretendessem cumprimentá-la. Quando Calomarde e o conde de Alcudia entraram, D. Carlota, afectando serenidade, perguntou ao Ministro de Gracia y Justicia porque motivo revelara o segredo do codicilo, infringindo assim a vontade expressa de Sua Magestade. Trémulo e intimidado, D. Tadeo desculpou-se com o letargo do Rei, que parecia morto.

— «Sua Magestade — disse D. Carlota dessimulando a cólera — quer guardar o original do codicilo e encarregou-me de dizer-vos que o apresenteis agora mesmo.

«O ministro inclinou-se, saindo em busca do que se lhe pedia. Entretanto, os que se haviam mostrado claramente partidários do infante, reuniam-se na câmara. Em pé e andando sem cessar dum lado para o outro, altiva, nervosa, respirando forte, D. Carlota parecia imaginar crueldades e violências impróprias de mulher e de princesa. Os circunstantes nada diziam e a própria Cristina, com os olhos vermelhos de tanto chorar, o seio palpitante, emudecera ante a arrogantíssima atitude daquela nova Semiramis.

«Quando Calomarde entregou à infanta o manuscrito que tantos desvelos hipócritas e tanta perfidia havia custado aos patronos dos *Apostólicos*, Carlota não se deu ao trabalho de o ler e rasgou-o furiosamente em mil pedaços. Com o mesmo desprezo e repulsa com que lançou ao chão os fragmentos de papel lançou sobre o ministro acabrunhado estas duras palavras que não é costume ouvir na boca dos príncipes:

— «Veja o resultado das suas infâmias. O senhor enganou, surpreendeu Sua Magestade, abusando do seu estado de moribundo; o senhor, ao recorrer a tais meios para esta traição, procedeu em conformidade com o seu carácter de sempre, que é a baixeza, a felonía, a hipocrisia.

«Vermelho como uma papoila, se é permitido comparar o rubor dum ministro com a formosura duma flor campestre, Calomarde baixou os olhos. Aquela terrível e imprevisível humilhação do tiranete era o contrapeso dos seus nove anos de insolente despotismo. Na sua cobardia, não hesitou em humilhar-se ainda mais e balbuciou algumas palavras:

— «Senhora eu...

— «Ainda — exclamou a Semiramis borbónica num paroxismo de cólera — ainda se atreve a defender-se e a insultar-nos com a sua presença e com as suas palavras?! Saia imediatamente!

«Cega de furor, deixando-se arrebatado por um impulso de coragem indómita, a infanta deu alguns passos em direcção a Sua Excelência, alçou o viripotente braço e disparou a mão carnuda... Plaf! Sobre as bochechas do ministro ressoou a mais soberana bofetada que alguém deu, jamais.

«Todos nós ficámos pálidos e suspensos e digo «nós» porque o narrador teve a sorte de presenciar este grande sucesso Calomarde levou a mão à face dorida e lívido, banhado de suor, mais morto do que vivo, só disse com voz embargada:

— «Senhora, manos blancas...

Não pôde prosseguir. A infanta voltou-lhe as costas.

«Calomarde acabou para sempre com o homem político. Os *Apostólicos* que depois passaram a denominar-se carlistas, votaram-no ao ostracismo e o execrável ministro morreu de tristeza no exílio.»

E cumpriram-se os fados. Morto o infortunado Fernando VII, a Coroa de Espanha foi, de facto, parar à loura cabeceira da princesa D. Isabel, sob a regência de sua mãe, a rainha viúva D. Maria Cristina, e com o apoio dos liberais. O ambiente político da grande nação Ibérica não se pacificou, porém, com a derrota dos *Apostólicos às mãos* — e nunca este termo teve tanta propriedade — da intratável amazona de Puerto de Santa Maria. Os absolutistas nunca se conformaram com a drástica usurpação de que foram vítimas e o seu inconformismo constituiu, por assim dizer, a espoleta du-

ma guerra civil que fez correr rios de sangue e convulsionou a vida do país durante longos anos.

Joaquim Soeiro

(1) — Frase extraída da comédia Charlot (acto I, cena VII), uma obra negativa que nada contribuiu para a reputação literária de Voltaire, mas que figura também numa carta escrita em 24 de Setembro de 1766 a Madame du Deffand: *Et voilà comme on écrit l'histoire; puis fiez-vous à MM. les savants!* Aliás, este senhor François Marie Arouet, conhecido, universalmente, pelo pseudónimo de Voltaire, distribuiu como é sabido, o seu inegável talento por muitos hobbies que lhe deram fama e proveito, além de um lugar no *Panthéon*: foi poeta, dramaturgo, historiador, filósofo, panfletário, satirista, epistológrafo, polemista e ainda lhe sobrou tempo para ser, nas horas vagas, grande industrial, especulador e usurário, etc., etc..

(2) — *Anabasis* é o título que Xenofonte atribuiu à descrição da sua viagem aventurosa, mas, em abono da verdade, não parece muito adequado, pois significando, etimologicamente, *Subida*, apenas se ajusta ao assunto do primeiro livro da obra, condizendo o título *«Retirada dos dez mil»* mais rigorosamente à acção desenvolvida nos seus livros restantes. A título de mera curiosidade, poderá acrescentar-se que existe em português uma tradução do referido texto, da autoria de Aquilino Ribeiro, que os eruditos talvez considerem demasiado livre, mas que constitui, inegavelmente, um modelo de aticismo e de vernaculidade.

(3) — O palácio real da Granja construído segundo os planos do arquitecto francês Ardemans, entre os anos de 1724 e 1727, faz lembrar de facto, o Palácio de Versailles, e até as decorações e estátuas do parque são obra de artistas franceses.

(4) — Como apontamento histórico, refere-se que Filipe V era filho do Grande Delfim Luís de França e de Maria Ana da Baviera e nasceu mesmo em Versailles, usando o título de Duque de Anjou até aos 17 anos, idade em que por testamento de Carlos II foi proclamado rei de Espanha.

(5) — PERES GALDÓS, Benito — *Los Apostólicos*, XXXIV.

Com a devida vénia...

(CONTINUADO DA ULT. PAG.)

relativamente às possibilidades de a empresa continuar a existir.

Intervieram no debate vários associados, de que nos cumpre destacar os srs. Aníbal Tavares, Francisco Banha Romão, António Augusto Neves de Almeida, membros do Conselho de Administração da Panificadora, e o sr. Adelino Ferreira da Silva.

Depois de ponderadas as considerações expostas, que analisaram as condições económicas e de exploração da empresa, e os reflexos resultantes de toda uma legislação que a disciplina, ficou resolvido solicitar ao Conselho de Administração a apresentação, com a possível brevidade, do Relatório e Contas respeitante ao exercício de 1972, para, em face das conclusões a extrair desse documento, se decidir, em última análise, a continuação ou dissolução da firma.»

Com a devida vénia...

Transcrevemos da «Revista Portuguesa de Panificação», de Março deste ano, o seguinte:

«REUNIAO DE SÓCIOS DA APCEL

Com carácter particular, e a fim de promover um esclarecimento e uma troca de impressões entre os associados, reuniram-se, no dia 13 de Fevereiro, na sede social de A Panificadora Central Eboresense, Lda., os sócios da firma que ali compareceram na sua quase totalidade.

Como se sabe, a Indústria de Panificação que, de modo geral, vem vivendo, já há anos, uma existência difícil, encontra-se, por vezes, no que se refere ao caso concreto das empresas com numeroso pessoal ao seu serviço, em situação de verdadeira angústia, tão elevados são, além dos outros, os encargos sociais que as sobrecarregam.

Pretendiam assim, em princípio, os sócios da APCEL, que a sua reunião permitisse chegar a conclusões

(CONTINUA NA PAGINA CINCO)

PERSPECTIVAS...

Secção de divulgação cultural

III

As histórias da História

Et voilà justement comme on écrit l'histoire...

Voltaire (1)

Se entendermos, de acordo com o Prof. Jorge de Macedo, por História o estudo, parcial ou geral, do passado humano com vista a conseguir dele uma noção comprovadamente exacta e compreensível, além de integrável numa ordem evolutiva, é inegável que há actos, aspectos e atitudes de certas figuras notáveis que, embora destituídas de verdadeiro interesse his-

tórico, merecem ser conhecidos e divulgados, se não pelo carácter sensacional de que se revestem, ao menos por nos fornecerem uma imagem mais real e humana dessas celebridades que, muitas vezes, chegamos a mitificar, suggestionados pela fama dos seus méritos ou pelo alcance das suas realizações. Por isso mesmo, não parece despropositado que o responsável por esta secção, criada com o desígnio, talvez nimamente ambicioso, de contribuir para a valorização cultural dos leitores de «O Calipolense», refira, de quando em quando, alguns casos atinentes à vida de personagens históricas, casos esses que, independentemente de cunho pictórico ou anedótico que porventura evidenciem, talvez sejam de molde a humanizar os retratos dos respectivos intérpretes, conferindo-lhe um pouco mais de autenticidade e furtando-os às hipérboles duma óptica distorcida. É claro que, ao tomar esta decisão, de modo algum acalenta a pretensão estólida de outorgar às suas nótulas marginais uma garantia de absoluta fidelidade. Aliás, todos nós sabemos que a Verdade e a História nem sempre andam de

(CONTINUA NA PAGINA CINCO)

“Coeducação”

O problema da coeducação é um dos mais oportunos, já porque a vamos ter entre nós a todos os níveis de ensino a partir do próximo ano lectivo, já porque tem levantado muitas dúvidas.

Que se pretende afinal com a coeducação? Mas não se pratica já este tipo de educação nas escolas mistas? O que é necessário, para que se possa praticar a verdadeira coeducação?

Tentarei responder a estas perguntas no decorrer desta exposição. «A palavra coeducação vem dos

vocabulos latinos cum e educare, que significam educar conjuntamente. Hoje a palavra coeducação na terminologia pedagógica, refere-se ao facto educativo em que os sexos se educam em comum». É sempre neste sentido que a usarei.

Com a educação comum dos sexos, parece-me ser mais fácil conseguir uma educação mais sã, nos aspectos moral e psíquico, desde que o educador consiga uma boa orientação e consequente correcção educativas, que permita aos rapazes e

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

ALTO DE SÃO BENTO SATURAÇÃO

Há dias aconteceu que o meu telefone se avariou.

Perguntará o leitor com que direito venho eu ocupar espaço ao jornal — e o tempo das pessoas — com um problema caseiro? Nenhum direito, evidentemente, mas o que se segue talvez tenha interesse.

Utente assíduo desse aparelho maravilhoso, apressei-me a comunicar o facto às entidades competentes, cujos serviços já tinham, aliás, detectado a avaria. Porém, responderam-me, uma vez que se encontrava de férias o técnico local, teria de aguardar a vinda de um seu colega de Estremoz. Aguardei.

Dei comigo a pensar. E se fosse o telefone do médico? E se fosse o telefone de uma empresa com chamadas de que dependem encomendas de centenas de contos? Não restam dúvidas que a situação seria pelos menos embaraçosa ou, até mesmo trágica.

Já não peço (e não seria exagerado) que se destaque um técnico cada vez que o da terra se encontra de merecidas férias. Sugiro humildemente que tenham de reserva dois ou três aparelhos para substituição, enquanto se não consertam os avariados!

Os CTT pretendem manter um elevado padrão de serviços. Diz-se à boca pequena (e grande), da excelência dos nossos correios e telefones, mas não

há dúvida que casos como estes são merecedores de atenção.

Não julgue o leitor que busco pequenos nada para encher este espaço. Há assuntos para uma coluna diária. Contudo, pretende-se demonstrar, onde acaba a tolerância pela falibilidade humana e onde começa o direito de exigir. Dentro da tal tolerância já bastam

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

Mãe

Mãe, palavra doce e tão bela
Feita de amor, de mágoa e de bem
Se alguém nos ama é só ela
E ama-nos mais que a ninguém

É feliz quem uma mãe tem
E sente grande dôr ao perdê-la
Pois jamais tornará a vê-la
Vai com a morte e já não vem

Foi ela que me deu vida
Por isso há-de ser sempre querida
E amada que mais alguém

Pois se há amor vivo e puro
O maior prometo e juro
É sempre o amor de mãe

José Falcão

Testemunho conclusivo de um antigo terrorista sobre “zonas libertadas” no território de Angola

António Barbosa, o «Leo Mukanda», na clandestinidade, é mais um elemento do M.P.L.A. que, após alguns anos de vida na mata, regressou à vida normal, entregando-se voluntariamente às autoridades.

O «Diário de Luanda», que se pu-

blica na capital de Angola, entrou em contacto com ele e recolheu as suas opiniões que se revestem de



António Barbosa

multo interesse. Com a devida vénia, reproduzimos daquele nosso estimado colega da imprensa diária algumas das declarações de António Barbosa.

A propósito da situação na mata afirmou:

«É muito má. Passa-se fome, não se tem um mínimo de roupa e em caso de doença, faltam os medica-

mentos. Há, ainda, o medo. Medo da tropa, que pode aparecer dum momento para o outro — o que obriga constantes deslocações — e medo uns dos outros».

Em relação às prepotências praticadas pelos que ocupam cargos de chefia, António Barbosa não hesitou:

«Parece que nem são gente. Quando se arranja comida, é para eles. Só depois de se servirem à vontade é que mandam distribuir os restos. Mas os chefes têm igualmente problemas. São espiados por emissários de outras «secções», sem o saberem. E, de vez em quando, também eles são enforcados».

E, desenvolvendo o tema, referiu-se à solidariedade entre os dirigentes do M. P. L. A. nos seguintes termos:

«Não existe, bem vistas coisas. Eles falam muito, mas os factos não correspondem à propaganda. Por exemplo, quando me levaram para a mata disseram-me que eu ia ser professor. Mas como, se não há escolas? Não lhes interessa nada a instrução das pessoas. O que eles querem é praticar crimes: matar, destruir, roubar, espalhar a confusão. De resto, cada um que se arranjar. Não há solidariedade nenhuma».

O seu testemunho em referência às chamadas «zonas libertadas» é, também, conclusivo:

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)